

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE
BIBLIOTECA DE
ECONOMIA
E ADMINISTRAÇÃO
DE SÃO PAULO

3 POR 4

conta histórias...

TAB-
& 7 8 9 0 S P
U I O P
F J K L Ç
E N M

Limite da ficção

Ficção e jornalismo. Nada a ver? Você confia nas notícias dos jornais? Você conhece o nome na assinatura da matéria? É isso que essa edição do 3x4 procura, a comparação, a dúvida. Qual é a melhor maneira de se contar uma história? Jornalismo nada mais é do que contar histórias. É uma tentativa de narração de forma onisciente, sem tomar partido, ao menos em tese.

O repórter tem a mesma tarefa do narrador que tudo sabe, desde o pensamento do personagem até qual será seu destino. É preciso explicar o enredo, caracterizar o cenário e descrever a ação. O que é o lide jornalístico senão o resumo do filme, a orelha do livro?

Claro que o jornalismo, embora tenha sua onisciência, não a transmite ao leitor. A imparcialidade da imprensa não passa de ficção. Toda história tem mocinho e bandido, vítima e algoz. Aprendemos nos livros policiais que o leitor, além de querer tomar partido, também quer ser surpreen-

dido e enganado. Mais além: hoje em dia, o público quer que o jornalista pense por ele e entregue a notícia mastigada. O leitor quer bem claro, de preferência na manchete, quem é o culpado e quem é o inocente.

Desejamos que o ladrão seja pego, o político corrupto, humilhado, os baderneiros, rechaçados. Só que nem sempre queremos saber sobre a verdadeira natureza dos fatos que lemos no jornal. Basta, então, a opinião de um colunista sobre tal assunto, que, naturalmente, a tomaremos por nossa. A credibilidade de um jornalista é similar a de um bom escritor. No momento em que se fala com auto-confiança e

aparente conhecimento de causa, é difícil não acreditar no que está sendo dito.

Esse 3x4 quer brincar com a ficção e a realidade, com o limite entre a literatura e a linguagem jornalística, quer deixar você, leitor, decidir qual é o formato mais interessante.

O repórter tem a mesma tarefa do narrador onisciente, aquele que tudo sabe, o pensamento dos personagens e qual será seu destino

Fernanda Rechenberg



||| 3x4 |||| Conselho editorial: Lucilene Breier, Fernanda Albuquerque, Fernanda Rechenberg; Redação: Lucilene Breier, Marcelo Beledeli, Leonardo Pogliã, Maíra Kiefer, Carolina Beal, Wilson Sobrinho, Tânia Serafini, Luciana Timm, Jair Stangler, Alexandre Toscani, Andréa Farias, Fernanda Bartholomay, Mariana Xavier; Projeto Gráfico: Sílvia Lovato; Revisão: Alan Santos, Josiane Guglielmi, Vanessa Martins; Fotografias: Fernanda Rechenberg, Maíra Kiefer; Ilustrações: Leonardo Pogliã, Coordenação: Wladimir Ungaretti.

Falta rebeldia

"Tornar-se selvagem é sempre um ato erótico, um ato de desnudamento." | Hakim Bey

Sem a menor sombra de dúvida, este foi o pior semestre por mim realizado em uma década de Fabico. Não é com satisfação que tenho verificado tantos retrocessos. Minha capacidade de intervenção tem se reduzido de forma acentuada. Sinto cada vez mais forte uma impotência e, no entanto, tenho uma terrível lucidez da urgência das mudanças. Pode parecer pretensioso mas, ao contrário, é com humildade que reúno experiência e preparo intelectual para dar aulas.

Nos últimos dez anos, venho apontando as mais variadas questões sobre o ensino de jornalismo, todás voltadas para o objetivo maior de construção de uma prática pedagógica libertadora. São noções não inteiramente entendidas, mas através delas, procuro contribuir para construção de uma nova estética, acreditando que a confusão é condição indispensável para a descoberta, para o surgimento de um pensamento radical e, por conseguinte, transformador.

Michel Foucault já dizia que a disciplina que mantém e define um determinado ordenamento social — nossa faculdade, por exemplo — é uma técnica de operação sobre os corpos que, em realidade, exprime a estabilidade de um sistema. A instituição de ensino disciplinada, hierarquizada e de corpos submissos é a expressão acabada da reprodução da ideologia das elites dominantes. No plano do ensino de profissionais para a mídia corporativa, a vigilância é redobrada e altamente sofisticada. O atual ensino de jornalismo é a expressão do estímulo, sempre disfarçado e sofisticado, da subserviência. Daí a obsessiva procura pela disciplina e pelo ordenamento de tudo, bem como a supervalorização dos aspectos técnicos. Este ordenamento hierarquizado faz da atividade do professor uma rotina cega e estéril, uma infundável repetição de ações sem qualquer potencial para a mudança.

O problema não é a falta de

equipamentos, mas o terrível deserto de idéias. Globalização e neoliberalismo não são simples termos, pois possuem significados objetivos. Como um conjunto de ideologias que se referem às mudanças atuais, no plano do ensino de jornalismo, significam mais controle na formação dos futuros profissionais. Futuros mediadores dos conflitos sociais através da mídia corporativa.

Um ensino transformador, eticamente comprometido com os interesses dos excluídos, terá uma outra postura diante da confusão, estética possível e necessária. A estética da eficiência é a estética da exclusão, responsável pelo aumento da distância entre ricos e pobres, visando sempre punir os rebeldes e premiar os comportados.

Tenho sugerido a construção de uma nova postura tendo por princípio a convicção de que idéias, artes e paixão podem florescer muito bem, se não melhor, em um ambiente de desordem. Aprendizado libertador. Como decorrência, teremos a invenção, a descoberta e o prazer de aprender, o livre pensar.

O ordenamento hierarquizado faz da atividade do professor rotina cega e estéril (...). O problema não é falta de equipamentos, mas o terrível deserto de idéias

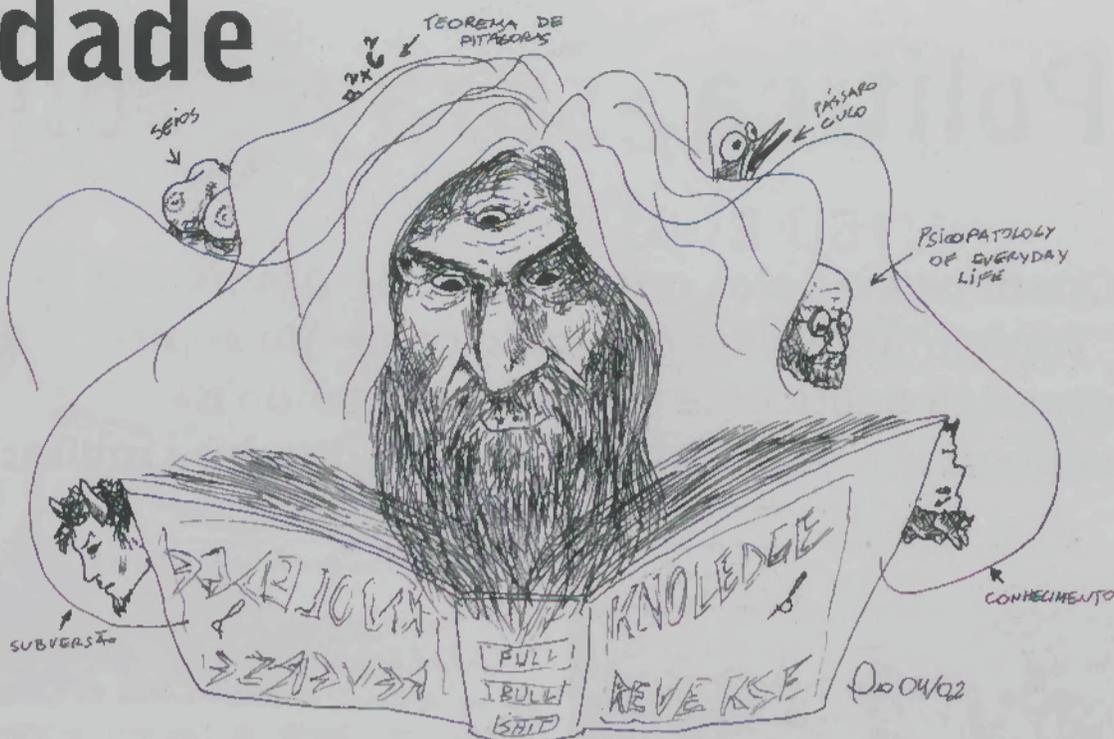
Teremos um grande 'não' a qualquer imposição que tenha falso sentido pedagógico. Nas disciplinas práticas, a regra seria a experimentação. O brincar com linguagens. Peço desculpas a esta turma por não ter conseguido passar esta idéia.

O ato de ensinar seria assim um estar poético. Um aluno deste semestre disse: "este ensino que aí está é o ensino da covardia". Esta foi a única coisa inteligente que escutei durante todo o semestre.

Wladimir Ungaretti

A subjetividade possível

Técnicas de jornalismo e literatura juntas diminuiriam a barreira entre o profissional, mecanicamente dirigido, e o leitor, um inocente útil



Ei, você. É, você mesmo. Pode parar de olhar para os lados, assobiando baixinho e fingindo que é com outra pessoa. Pare de folhear o jornal e vamos ter um papo sério: você já se perguntou sobre a importância da ficção em sua vida?

Não só livros e filmes. O assunto é mais abrangente do que se pode imaginar. Aprender um contexto ficcional é um exercício imaginativo enorme, mais ou menos como recriar a roda todo dia. Neste exercício, são criados mundos ou situações imaginárias; em alguns casos, situações verdadeiras são modificadas para figurar na trama de um livro. Não há regras que não possam ser quebradas, mas uma infinita gama de possibilidades. A simples visualização de um contexto absurdo é surpreendente: como entender o que já é de antemão reconhecido como irreal? É um contra-senso, possível apenas porque é uma das tantas peculiaridades que constituem o ser humano.

Há muito, muito tempo, o primeiro homem teve a primeira dúvida. Então, sem poder encontrar a resposta, criou uma. Esta, a primeira concepção de Deus – ou a primeira explicação sobre o comportamento da caça, ou a primeira teoria sobre a utilização de uma ferramenta – e a primeira obra de ficção. Outras mais complexas e imaginativas a sucederam, e não há um ramo da humanidade que não tenha desenvolvido seu próprio panteão, ou assimilado o panteão de outras culturas com as quais tenha entrado em contato.

Mais do que explicar o que a consciência não apreende, a fic-

ção também tem sido uma saída para as restrições cotidianas. Livros de fantasia são e foram vendidos pelo mundo todo, milhares de leitores assumem um voyeurismo literário, que os liberta a um custo aceitável do tédio ou inadequação. Essas características da ficção em si podem ser melhor sentidas na pós-modernidade corrente, quando a diversidade de informações, a reificação profissional, a falta de tempo e a livre concorrência forçam as pessoas a lidarem com uma alta taxa de estresse, derivada das exigências de suas profissões. Tecnologias como e-mails e celulares foram criadas para propiciar uma otimização do tempo e dos recursos, e um melhor rendimento dos profissionais, que acabam por se ver obrigados a encontrar o lazer em intervalos cada vez mais curtos ou recortados de tempo. Essas novas tecnologias também oferecem muitas ferramentas de dispersão, vide jogos, e até mesmo piadas enviadas diariamente por correio eletrônico, e todas têm a ficção como base. Uma recente pesquisa realizada pela *amazon.com* revelou que o livro do milênio não é outro senão *O Senhor dos Anéis*, redescoberto pela mídia com um incentivo de Hollywood. Pois bem, a obra de J. R.

Escrever objetivamente é desembaraçar o nó Górdio sem uma lâmina, ou como remendar um casaco com a linha do Equador: impossível

Tolkien se passa em um outro planeta, Arda, que tem outra mitologia, outros deuses e mesmo outras línguas. Não pensar nisto como uma tendência do homem à fantasia é ser obtuso.

Não é só: imaginar o dia seguinte é um exercício de ficção, assim como uma projeção de lucros para o ano ou um planejamento de gastos futuros. Há bases pragmáticas para esse tipo de incursão em um mundo futuro, mas mesmo com base, a ficção não fica descaracterizada. Os planos para daqui a 20 anos, o sonho de comprar uma chácara ou um bar, a aposentadoria, filhos, a especulação sobre o que se faria se o seu bilhete fosse premiado, tudo isso vem do uso da ficção. Remonta ao

dia em que o primeiro homem com alguma coisa na cabeça usou a primeira ferramenta de forma premeditada, e é grande parte do que separa o homem dos animais.

Escrever objetivamente é como desembaraçar o nó Górdio sem a ajuda de uma lâmina, ou como remendar um casaco com a linha do Equador: impossível. O ponto de vista é indissociável do ser humano porque o mundo, embora seja supostamente uma realidade externa, não pode ser interpretado senão por nossos sentidos. A maneira como vemos as coisas não deixa de ser uma interpretação.

Não importa quanto esforço façamos para sermos imparciais, cada impressão é filtrada por uma enorme carga de cultura, experiência pessoal e preconceitos – sem falar nos editores e na opinião do dono da empresa de comunicação, no caso de jornalistas. Logo, tudo não passa de uma interpretação pessoal – embora possam ser feitos esforços para atingir a imparcialidade. E não estará errado quem pensar que uma reportagem baseada na visão pessoal de fatos verdadeiros tem relação com a ficção. Ou vice-versa. O uso de elementos de linguagem e narrativa próprios de ficção em reportagens – metáforas e ironia, por exemplo – apenas deixa clara a parcialidade de uma matéria, que não poderia ser imparcial justamente pelo elemento humano, coisa que, erroneamente, está se tentando extirpar do jornalismo. E esses recursos ainda fazem crescer, e muito, o interesse do leitor em relação ao interlocutor. E, no fim, é um jeitinho mais honesto de fazer a coisa.

Jornalismo é comunicar realidades; ficção, criá-las. Mas, se técnicas de ambas forem agrupadas para crescer na forma de reportagens, deixando-as mais interessantes e menos distantes do interlocutor, pode-se vencer essa enorme barreira entre o profissional, mecanicamente dirigido, e o leitor, um inocente útil. Um curso técnico basta para elaborar um jornal. Talvez nem isto. Para torná-lo interessante, são necessárias boas cabeças e liberdade de expressão. Té mais.

Leonardo Pogliola

Resistência a 33^{1/3}

Mesmo depois do CD, da mp3 e toda a sorte de tecnologias digitais, os bolachões não se entregam

rotações por minuto

Há quase 20 anos foi inventado o CD (Compact Disc), e há pelo menos 10 ele domina o mercado. De lá para cá, muitos formatos foram testados. Do subversivo mp3 ao esquecível MD (mini-disc), passando pelo CD-R (versão gravável do CD). Entretanto, nenhum desses conseguiu abolir por completo uma paixão que circula bem longe das lojas de departamentos e dos ambientes climatizados dos shoppings centers: o disco de vinil, conhecido pela sua sigla em inglês LP (long play).

“A maioria das pessoas só desfaz-se dos discos por problema de espaço”, afirma Edison Tavares, dono de uma loja de discos especializada em vinil no Centro de Porto Alegre cujo acervo passa fácil os 5 mil títulos.

A teimosia dos “bolachões” em aceitar a aposentadoria pouco ou nada tem a ver com a exorbitância cobrada pelos CDs nas famosas “melhores lojas do ramo”. Depois de sua morte ter sido contada e recontada em versões digitais, a única lei que o vinil parece aceitar é a da oferta e da procura.

Um exemplo claro está pendurado na parede da loja de Tavares. Lá repousa uma peça histórica: a primeira edição americana de “Blonde on Blonde”, álbum de 1966 de Bob Dylan que inaugurou a era dos discos duplos. “Foi o primeiro a ter uma faixa ocupando todo um lado do disco”, complementa Tavares. Se for para comprar em CD, o álbum custa não mais de 30 reais. Mas o ornamento luxuoso não sai da parede por menos de 80 reais.

Quem opta pelo velho formato de 12 polegadas – que se popularizou desde a metade da

explicar a manutenção do interesse à revelia da indústria: a exclusividade. “Se colocar um CD em uma máquina, sai uma cópia perfeita dele; com o LP não, tu sabes que é uma peça única, não tem como copiar”.

Risco de extinção | A maioria absoluta do que circula em lojas como a de Tavares foi produzido até 1997, ano em que as principais gravadoras do país abandonaram o grande formato. Hoje, com uma única empresa fabricando LPs, o Brasil corre o risco de ser varrido do mapa da resistência a 33 rotações por minuto.

O último suspiro no esforço pela manutenção do vinil deve ser creditado a Nilton José Rocha, proprietário da Poly Som, de onde saem as cerca de 5 mil cópias mensais de LPs brasileiros. Diante do desinteresse das grandes gravadoras, quem mantém a fervergem longe das máquinas da Poly Som é o movimento Hip Hop e os DJ, que têm o disco de vinil como instrumento de trabalho. É pouco. O que a fábrica produz em um mês é a capacidade diária do maquinário da Poly Som.

Mesmo sozinho no mercado, Rocha tem um plano B: fabricar copos plásticos para manter as máquinas trabalhando caso os pedidos caíam demais.

Contramão | Das prensas da Poly Som saíram as 400 cópias de “Olelê Seis Tiros”, versão reduzida do mais recente trabalho da banda gaúcha Ultramen. A banda só não passou os 63 minutos e 54 segundos de “Olelê” para o acetato devido a uma das limitações dos LPs: o tempo. “Teríamos de fazer um disco duplo”, explica Malásia, percussionista da banda, que resolveu de propósito “ir na contramão do que se faz hoje”.

“Seis Tiros” está vendendo cerca de 10 cópias por semana. “Tem gente que nem tem mais toca-discos e está comprando”, comemora Malásia, ele mesmo cliente da loja de Tavares. A banda pretende analisar as vendas de “Seis Tiros” para “tirar uma febre” e ver se vale a pena lançar outros projetos em LP.

por Wilson Sobrinho



Plano B: para o maquinário de fazer vinil não ficar parado, fabricar copos plásticos

década de 50 – o faz pela qualidade do produto, acredita Tavares.

“Quando se comprava um roupeiro de madeira era um produto para toda a vida, a mesma coisa um carro da década de 70 – gastava muita gasolina, mas naquela época ela era barata. A mesma coisa o vinil. Olha para isso”, diz, segurando um encarte para CD, com seus mirrados 168 cm² de capa, 17% do disponível em um vinil. Ele tem outra tese ainda para



Fernanda Rechenberg

(...) Até que mereci, mas era como culpar o Lou Reed por ter feito discos ruins nos anos 80. A culpa era da década, não dele.

Eu, ela e o quarto dos meus filhos de vinil

"Há quase 20 anos foi inventado o CD, e há pelo menos 10, ele domina o mercado -- pelo menos para pessoas normais!", gritou ela, emendando um "sabia?", que soava como um acorde da guitarra do Steve Jones -- meio torto, meio irônico e totalmente desafiador. Ela me conhecia há 10 anos e não havia perguntado isso antes por supor que eu estivesse isolado em uma ilha desde que o Led Zeppelin acabara. Era só aquela ironia da qual ela se servia quando estava realmente fula da vida.

"Sim. E daí?", respondi quase mudo, sem o sorriso que me acompanhara até dois minutos antes.

"Você ainda pergunta?". Agora ela estava ficando fora de controle. Só uma vez eu a havia visto parar na entrada do quarto com uma mão na cintura e outra no marco da porta, ocupando todo o espaço e impedindo a passagem. Foi há cinco anos, quando eu passei a noite toda, bêbado, dando bola para uma amiga de uma amiga dela em uma festa... com ela junto. Até que mereci, mas era como culpar o Lou Reed por ter feito discos ruins nos anos 80. A culpa era da década, não dele.

"Não faz drama. Me deixa passar", pedi, caminhando para entrar no quarto que havíamos combinado seria do nosso primeiro filho, mas por enquanto ocupado pela aparelhagem de som e pilhas de cassetes, muitos LPs e alguns CDs.

"Fazer drama?!?", ela respirou fundo e tirou a mão da cintura para guarnecer a porta ainda mais. Estava decidida a não me deixar passar. "Mês passado, você gastou R\$ 150 com aqueles discos do.. do..."

"Hellcopters", ajudei. "Pois saiba que essas caras são uma das poucas bandas que ainda fazem questão de lançar os álbuns em LP".

"É, que seja. Mas a gente não pode ir no casamento da minha irmã porque ia gastar muito em gasolina".

Ou eu calava e concordava ou tentava algo engraçado. Arrisquei: "Pára. Você nem gosta do marido dela. Aliás, ninguém na tua família gosta do milionário unha de fome do Mato Grosso que a tua irmã arranjou. Por que o "Xitão" não mandou o dinheiro da passagem? E tem mais: vinil do Hellcopters a gente compra uma vez na vida... Casamento, você sabe... olhe a Elizabeth Taylor. Ela tem tempo de acertar".

"Você e essas teorias loucas", baixou a cabeça para ocultar uma risada discreta que insistia em sair pelo canto dos lábios. E disfarçou: "Até onde eu sei, esse quarto é para o nosso filho".

"E é. Quando ele vier."

"Então por que toda semana você insiste em atrolhar ainda mais de discos? Com o teu salário não dá nem para comprar um quarto-e-sala. Seja razoável, ao menos compre CDs, ocupam menos espaço. Esses discos velhos são até anti-higiênicos. Quando a criança vier, você vai vender tudo para comprar um apartamento maior?"

"É que...", emudeci quando me ocorreu o pior. A única coisa que poderia me fazer sentir culpado. Será que essa irritação toda e essa insistência em falar de filho significava que... "Você está grávida???"

"Isso muda alguma coisa? Se for para você deixar de gastar tanto com esses discos, posso ficar. Mas no momento não estou".

A resposta dela me tranqüilizou mais do que quando consegui fechar a coleção dos Stones em 1990, mas eu sabia que isso ia durar pouco, só até descobrir um inéd... "Peralá!! Anti-higi-

ênico não!! Como ousa chamar meu "Dejà Vu" edição alemã, capa dupla, de anti-higiênico?".

"Não estou falando do teu "Dejà Vu" edição alemã, capa dupla. Estou falando que até traças eu achei nesse quarto dia desses".

Enquanto ela falava sobre como as traças eram nojentas, como ela odiava traças, como as capas de papel atraíam bichos, como eu deveria ser mais responsável e menos egoísta, blá, blá, blá..., resolvi mudar a tática. "Querida, entenda: o som é melhor, os graves são mais poderosos, os encartes são maiores. Só tem duas desvantagens, o espaço que ocupa e a troca da agulha a cada seis meses. Não posso abandoná-los por CDs.", encerrei, com o sorriso mais cínico que pude achar no meio da minha coleção. Sabia que ela já havia ouvido esse papo pelo menos umas 50 vezes, mas o tom de voz conciliador de que necessitava só poderia ser combinado a esse discurso.

"Certo, seu manipulador barato", ela deslizou as mãos do marco da porta para retirar as minhas que acariciavam o seu rosto pedindo perdão. "Agora me conta quanto custou essa brincadeira."

Abaixei-me para pegar o primeiro dos quatro lotes de 50 LPs, que agora finalmente encontravam um lar. "Lembra daquela loja que a gente foi sábado passado?"

"O cara vai fechar. Me vendeu por 2,50 cada um. Duzentas bolachas por 500 reais. Parcelados. Ah, mas a barbada mesmo foram as agulhas! O preço de mercado é 80, e ele me fez por 10 cada. Comprei agulhas para não ter mais que me preocupar até o nosso filho vir. Adivinha quantas?", perguntei procurando no bolso da jaqueta as 15 agulhas novinhas -- o que pelos meus cálculos davam para 10 a 15 anos de uso.

"Deixa eu ver!! Até nosso filho vir... humm, uma cada seis meses....humm!!! Duas agulhas", ela supôs.

Enfiei-as no bolso de volta o mais rápido que pude. "Querida, você não vai acreditar: completamos a coleção do Bob Dylan!!!".

Wilson Sobrinho

A reportagem em r

por Lucilene Breier, Tânia Serafini e Wilson Sobrinho

3x4 – Comparado com a linguagem literária, o estilo jornalístico, por assim dizer, é mais pobre?

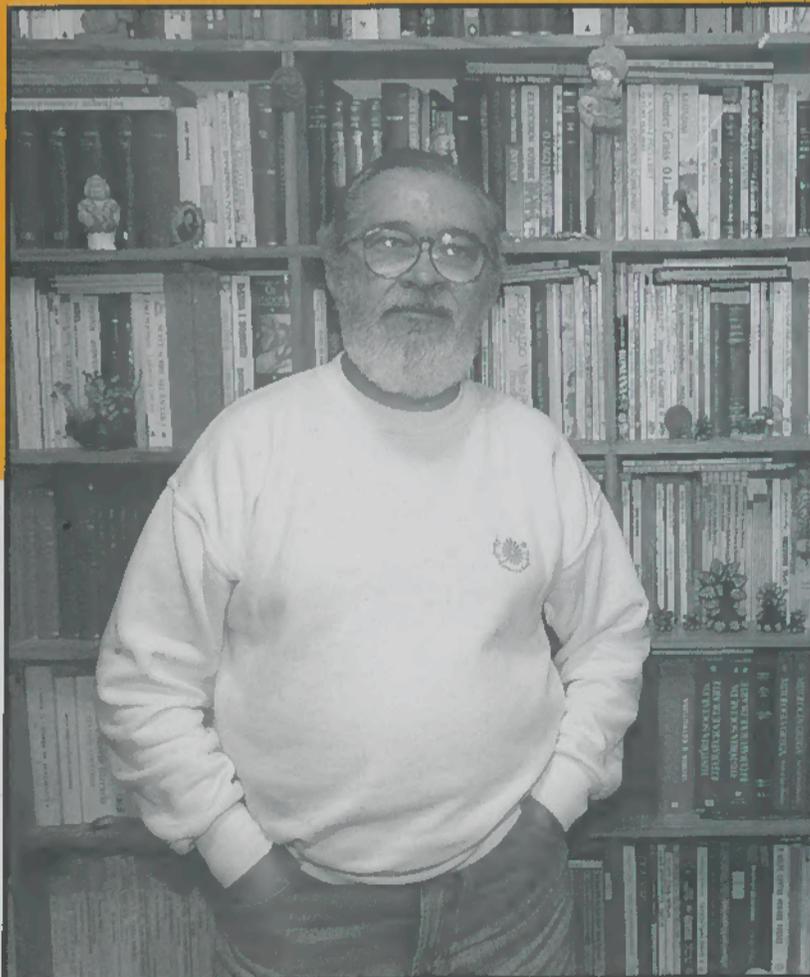
JL – Desde que li os clássicos mais clássicos – Cervantes, Dostoiévski e Balzac, para citar apenas três – passei a entender que o “estilo jornalístico” é o mais universal, por se manter longe dos “caçotes estilísticos” de certos autores da língua portuguesa. Esses escritores mencionados preocupavam-se mais com as idéias, com as pessoas, menos com a estilística; com a tal “forma”. Na literatura temos as obras de Rubem Fonseca, de Clarice Lispector e de Rachel de Queiróz, principalmente o belíssimo “Memorial de Maria Moura”. São obras literárias que se aproveitam do estilo direto do jornalismo. O escritor que procura escapar ao formalismo produz textos que os mortais conseguem ler e entender o que estão lendo.

3x4 – O repórter deve ter queda para cronista para transformar pautas em uma boa história? Isso é possível no jornalismo atual? Ou simplesmente não há mais repórteres com sangue de cronista?

JL – A imprensa está cheia de jovens talentosos. O que falta, na minha modesta opinião, é que o repórter, por exemplo, se desapegue do trivial para realizar-se plenamente. Acreditar em si e tratar de desenvolver-se é o fundamental. O sacrifício que fizer agora será compensado adiante. Eu tive que abandonar uma série de coisas, inclusive o carro novo, a fim de fazer minha caminhada. É necessário que tenhamos audácia suficiente para transformar o sonho em realidade. Se o seu sonho é escrever, vá em frente.

3x4 – Você está coordenando a coleção Primeira Página, publicada pela Nova Fronteira. Como sur-

O livro "Araceli, Meu Amor", do jornalista e escritor José Louzeiro, esteve proibido durante anos e lhe valeu inclusive ameaças de morte. Conhecido autor de romances-reportagens, Louzeiro revela em "Araceli" o caso de uma menina raptada, estuprada e assassinada quando suas preocupações ainda não iam muito além das bonecas. Coordenando uma coleção de livros que transforma notícias de jornal em novelas, Louzeiro analisa, nesta entrevista, a relação entre ficção e jornalismo.



giu a idéia de pensar os textos a partir de uma reunião de pauta?

JL – A coleção foi lançada com êxito e começou empolgando leitores. Pelo menos dois bons autores logo destacaram-se: Ana Teresa Jardim (“No Fio da Noite”) e Carlos Alberto Castelo Branco (“Conexão Sardinha”). O livro de Ana Teresa foi, inclusive, adotado em escolas de segundo grau. Foram lançados cinco livros, mas, por essas coisas que só no Brasil acontecem, quer me parecer que a coleção não irá em frente. Razão? A própria razão desconhece...

3x4 – Que dificuldades enfrentou para publicar e apurar o Caso Araceli?

JL – O Caso Araceli constituiu, para mim, um desafio. As ameaças contra os repórteres que procuravam ir a fundo nas investigações surgiam a cada momento. Paralelamente a isso, havia os estímulos da corrupção. Na Editora Civilização Brasileira, de Ênio Silveira, que lançou o livro, apareceram certa tarde dois sujeitos dizendo-se advogados de um dos envolvidos no assassinato da menina. Ofereceram uma grana alta a Ênio e a mim, para que o livro não circulasse. Acontece que havíamos feito “voto de pobreza”. Depois que se foram, decepcionados, celebramos nossa “vocaçãõ” tomando chopes no bar da esquina. Nessa época, já em dificuldade por causa das perseguições que os militares faziam a Ênio Silveira, a editora ocupava uma pequena sala em um prédio de segunda linha no bairro da Lapa, no Rio. A democracia perigava. Tudo estava decadente. Mas a gente seguia, quixotesicamente, sem se deixar sujar na lama que espirrava longe. Ênio era um editor admirável. Herói das nossas letras a merecer monumento em praça pública.

3x4 – Nota-se no texto que, após apurar os fatos, no texto do Caso

reinventa o real

Araceli você se posiciona, tecendo comentários entre os fatos narrados. Qual o limite entre a "imparcialidade" jornalística e a brutalização do homem?

JL – Romancear a realidade não significa desfigurá-la. Tem por fim facilitar a leitura. Foi o método que utilizei ao escrever "Araceli, meu amor". Os fatos são verídicos, que o digam os advogados de Dante Michellini. Tentaram me processar, mas não encontraram nenhuma brecha por onde empurrar a acusação. Tempos depois, publicaria um outro livro com a mesma técnica: O Anjo da Fidelidade. É um estudo biográfico a respeito de Gregório Fortunato, o segurança de Getúlio Vargas. Saí de casa para apurar os crimes de Gregório, estive quatro vezes em São Borja e descobri: o terrível criminoso era Viriato Vargas, irmão do ex-presidente.

3x4 – A sociedade dá elementos tão ricos em termos de histórias que não há necessidade de se criar uma fantasia?

JL – Na literatura, como em qualquer outra atividade artística, predomina o fator invenção. Pelo próprio fato de você recolher o material para uma reportagem, você vai reinventar, dar uma ordem ao que você viu e coletou. O mesmo acontece com a literatura. Hoje a sociedade fornece uma gama de elementos de tal ordem que, se eu tivesse condições, escreveria um livro de 400 páginas por semana.

3x4 – Nos anos 70 e 80, a editoria de polícia estava sempre acompanhando um grande caso, um escândalo ou um assassinato que duravam meses. Hoje os jornais tra-

tam assassinatos e escândalos sem tanto barulho. O que mudou na crônica policial dos 70 para a do ano 2000: os jornalistas, os jornais, o leitor?

JL – Os diferentes órgãos de imprensa, no país todo, resolveram copiar o que dizem e mostram as emissoras de televisão. Raras são as vozes discordantes. Vai daí que os leitores estão deixando de comprar jornais. Pra quê? Para ver em manchetes e letrinhas de forma o que já acompanharam em movimento e boas imagens?

3x4 – As editorias de polícia parecem marginalizadas hoje em dia pelos estudantes de jornalismo. Entre os 70 e 80 era assim também?

JL – As editorias de polícia foram sempre marginalizadas. No meu tempo, inclusive, ganhava-se menos que os demais repórteres. Critério semelhante é dado hoje nas editorias ao romance policial, com exceção para a Companhia das Letras. É visto meio de "esquelha" pelas comissões de leitura. De outra parte, vale lembrar: somos o país dos homicídios e das torturas. Esse campeonato é nosso! Lem-

bram do assassinato do prefeito de Santo André, São Paulo? Acabou em pizza! E a morte do seqüestrador da filha de Silvio Santos? O que mudou? As agências de publicidade colocaram a chamada "liberdade de imprensa"

numa garrafa e tamparam. Para não perderem anúncios, os jornais que ainda restam circulando fazem o que os donos do dinheiro querem. E o capital agora está lá fora, querendo entrar no

barraco. Já, já, vamos ter diários em inglês por aqui. Ser repórter é um privilégio. Ser repórter de polícia é um castigo que, para mim, transformou-se em virtude. Aprendi o pouco que sei rodando por delegacias, becos, vielas, morros, cabeças-de-porco e penitenciárias. Nessa caminhada pelas entranhas do submundo tornei-me um contador de histórias. E aprendi uma grande lição: só a humildade nos faz crescer.

3x4 – No livro "Isto não deu no jornal", você conta, basicamente, histórias de antigas redações e lembra de quando foi colega de Nelson Rodrigues. Como era o convívio com ele?

JL – Nelson Rodrigues foi meu colega em "Última Hora" por uns seis anos. Sempre bem vestido, o laço da gravata frouxo, o suspensório do lado esquerdo sempre caído. De pouco falar, dava preferência aos discursos (ou monólogos?), quando menos se esperava. O que me ficou dessa época é que, embora sendo péssimo ator no teatro – ele fez uma experiência lamentável na peça de sua autoria "Perdoa-me por me traíres" – mostrava-se admirável desfilando pela redação, que transformava em palco. Seus monólogos começavam, sempre, com "Eu sou um triste!" Todos se punham a rir e a debochar. Além disso, católico convicto, ia à missa quatro vezes durante a semana. Creio que esteja no céu, amém!

3x4 – Em "Isto não deu...", você conta sobre uma noiva que certa vez teria tentado o suicídio

por amor mas não foi bem sucedida. Este era o fato, mas Nelson Rodrigues mata a personagem em sua crônica, o que causou indignação na mãe da moça. Como era o trabalho de Nelson Rodrigues de pesquisar os fatos da realidade e torná-los crônicas?

JL – Nelson Rodrigues baseava suas crônicas diárias, "A vida como ela é", nas reportagens de Pinheiro Júnior, Antônio Carbone e

Pena Branca. De posse dos dados essenciais, partia para as divagações. A menina que tomou "Formicida Tatú" tinha tudo para morrer mas não morreu, e a mãe surgiu na redação, a fim de reclamar. A cena parecia coisa de teatro. Bom teatro. Terminou com o monólogo de Nelson movimentando-se entre as mesas, declamando suas razões. Para ele, o final da crônica foi mais glorioso, pela coragem de matar-se por amor.

3x4 – Outro fato que destacamos no livro "Isto não deu..." foi a lembrança do tempo em que os jornalistas eram boêmios. Hoje não vemos mais essa figura, que sai das redações com uma edição da primeira rodagem e que discute com os colegas as histórias em bar. As redações estão mais burocráticas?

JL – No meu tempo, com aquele salário ridículo (o que não nos incomodava tanto), ficávamos na redação até madrugada alta, esperando a rodagem. Levávamos o jornal pra casa, a fim de "lamber as crias". Detalhe: raramente nos permitiam assinar as reportagens. Chefes e chefetes não queriam que ficassemos famosos...

Ser repórter é um privilégio. Ser repórter de polícia é um castigo que, para mim, transformou-se em virtude.

Ofereceram grana para que "Araceli" não saísse, mas havíamos feito voto de pobreza

Nos sapatos dos cidadãos civilizados

por Andréa Moreira Farias

Sob um fortíssimo odor de fezes humanas, misturado a um cheiro igualmente desagradável de podridão e o zunido constante de moscas, principalmente varejeiras, ficam os casebres. Entre os modernos prédios do Supremo Tribunal Federal e do Ministério da Fazenda, ratos superalimentados e de incomum estatura dividem espaço com cerca de vinte famílias que formam a chamada Vila do Chocolate. "São fileiras e fileiras deles. É de apavorar", salienta a moradora Maildes Lurdes Ribeiro, que enfrenta os roedores há quatro anos.

Os casebres improvisados com restos de madeira e compensado, como o que abriga Dona Maildes e mais quatro filhos, resistem à urbanização da cidade há 17 anos, quando a primeira família de desempregados ocupou o terreno, de propriedade do Incra. Os moradores não sabem precisar, mas acreditam que, a partir daí, o ofício de catar, selecionar e vender lixo tenha sido introduzido naquela comunidade. E, junto com o armazenamento de todo tipo de material deteriorado, teriam sido atraídos os primeiros ratos dos valões que correm próximo ao terreno.

Desde então, pouca coisa mudou. O número de habitantes da vila, se comparado ao cres-

Desemprego, pobreza, lixo, submoradia. Mas o pior problema para os moradores da Vila do Chocolate são os ratos. Apenas os ratos

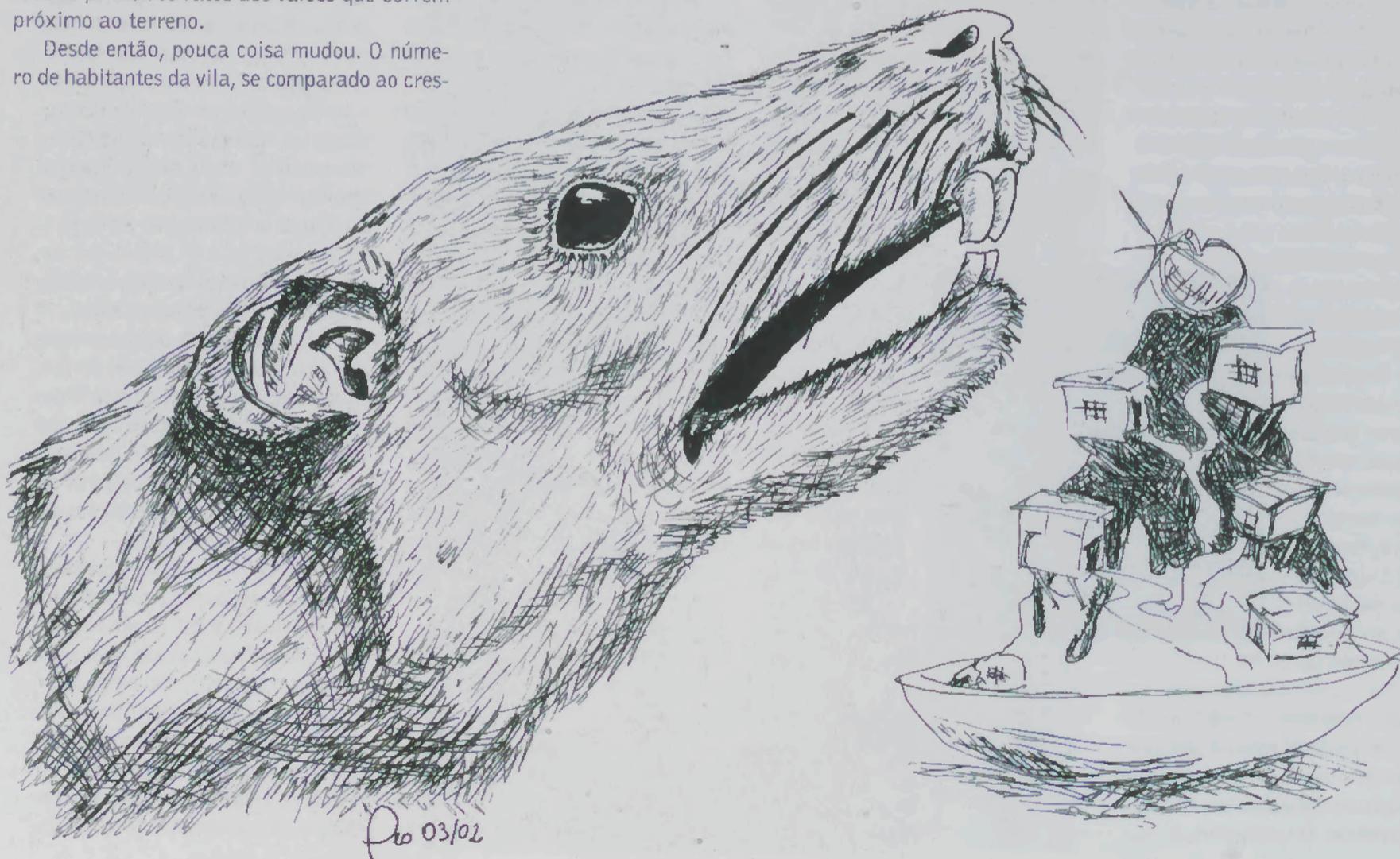
cimento de outras comunidades como a vila Cruzeiro na zona sul de Porto Alegre, que forma um pequeno município, foi insignificante. Entretanto, o número de roedores cresceu de forma assustadora. Tanto que mal pode ser dimensionado. Cada morador sabe que sua casa está tomada destes animais, e que de onde eles vêm existem muitos outros.

Quando ocorrem as chuvas, segundo Dona Maildes, é que a pobreza do local fica mais evidente: "A vila fica um horror. As nossas coisas

ficam debaixo d'água, um monte de lixo boiando, com criança, com ratos, com tudo", descreve com pavor. "Tens de vir aqui num dia de chuva", me desafia. Mas por incrível que possa parecer, dentre todas as condições desfavoráveis que a miséria exhibe sem pudor na vila Chocolate, a presença dos ratos é a única com a qual os moradores não conseguem conviver.

Até agosto de 2001, não havia água encanada e a luz elétrica que iluminava os barracos de algumas poucas famílias era resultante de gatos, espécie de ligação ilegal. A primeira providência neste sentido partiu da Prefeitura de Porto Alegre que, através de assistentes sociais que visitam o local periodicamente, passou a acompanhar o drama da vila e implantou uma canalização de água provisória para garantir a higiene das crianças. A partir daí, os moradores começaram a improvisar seus banheiros. Como não há rede de esgoto ligada aos casebres, cada qual usou de criatividade para escoar os dejetos sanitários até o valão. "Fiz o meu banheirinho com uns tijolos que encontrei por aí e cavei sozinha uma fossa para a água do vaso escorrer por debaixo da terra até o riacho lá de trás", conta Maria de Lurdes e Silva Ramos, apontando uma vala de esgoto que corre à céu aberto atrás do terreno da vila.

Oficialização do gato | A segunda iniciativa foi do Ministério da Agricultura, situado no lado direito da Chocolate, para quem passa pela rua Washington Luiz. Agora, todos os barracos possuem luz elétrica. E é o Ministério quem paga o consumo de eletricidade.



Pro 03/02

de dos moradores. Uma quantia ínfima se tomarmos em conta o fato de que quase não há eletrodomésticos no local. Menos de cinco famílias possuem geladeira, incluindo o freezer de segunda mão utilizado para resfriar refrigerantes baratos no boteco de Fernanda Simões Pires. Quanto a aparelhos de televisão, há um na casa de Dona Maildes, precariamente funcionando.

Apesar da situação de visível dificuldade, não há na Chocolatão reivindicações maiores por parte dos moradores para que sejam deslocados para outra localidade como fora feito pela prefeitura com os moradores da antiga Vila Cai-Cai, que foram transferidos para casas populares construídas especialmente para tirá-los da área de risco compreendida entre a cerca do Jockey Clube Cristal e o esgoto da Vila Cruzeiro.

Por se sustentarem do lixo, os moradores se acham bem situados no terreno.

Ficam pelo lixo | Por se sustentarem através do lixo, os catadores da Chocolatão acreditam estarem bem situados naquele terreno. Próximos ao centro da cidade, onde são produzidas toneladas de seu material de trabalho, e para onde podem seguir a pé com seus carrinhos de puxar, eles preferem ficar por ali mesmo. Não que recusem uma casa de tijolos com infra-estrutura, mas porque temem ser deslocados para um local onde não haja trabalho suficiente para a sobrevivência de todos. "Já falaram em construir loteamento na Restinga. Lá não tem muito lixo. Como é que eu ia sustentar as crianças?", questiona-se Maildes. Ela conta que no centro da cidade há sempre como encontrar lixo e fazer dinheiro para as necessidades imediatas de seus quatro filhos pequenos. "Sempre aparecem latinhas de última hora para eu faturar um troco para o pão das minhas crianças", diz referindo-se às embalagens de alumínio jogadas ao chão.

A Prefeitura ainda não decidiu o que fazer a respeito da vila, mas os moradores, entre tantas necessidades mais imediatas, cobram providências quanto aos ratos que invadem suas casas, ferem crianças e adultos e destroem embalagens de alimentos e móveis. "Será que os nossos filhos não têm os mesmos direitos que os filhos deles? Será que nós somos menos importantes que eles?", desabafa a moradora Fernanda Simões Pires. Por incrível que pareça, ela não está reclamando das desigualdades em relação aos vizinhos magistrados do tribunal, nem da moradia em ruínas que abriga a ela, o marido e a filha de quatro anos, nem do trabalho que faz misturada ao lixo. Fernanda pede que seja feita a dedetização do local pela prefeitura. Fernanda refere-se apenas aos ratos.



A invasão da casa

As criaturas saíram de suas tocas. Ocupam cada canto da morada, mordem as vestes, rasgam as peles, destruindo a decência dos vivos.

dedicado a Julio Cortázar

O que se ouve na casa velha são mais do que os ruídos comuns das noites quentes. Os gritos interrompem a vigília. Os berros não são de medo, mas de clemência. As criaturas saíram de suas tocas. Ocupam cada canto da morada, mordem as vestes, rasgam as peles, destruindo a decência dos vivos. As lamúrias maternas encruam nas paredes caiadas. Da sala, ela escuta os urros dos filhos.

No rodapé da casa, a imundície toma lugar, assim como os vermes preenchem as cavidades das gentes. Os ventos, quando sopram, atormentam os vivos com os cheiros pútridos da terra. Brisa jamais passou por entre as tábuas. É a peste que se esconde por entre as roupas e as carnes.

O faro apurado capta os esparsos indícios de vida. Apesar de todo lixo, toda merda, todo detrito, são os vivos que eles buscam. Os seres marcham à procura de alimento. E com seus membros moles sacodem o assoalho. E a mãe desesperada ten-

ta salvar os seus. No quarto onde as crianças dormem a penumbra é a única mobília. Alguns trapos pendurados na janela aberta projetam uma estriada sombra da lua. Os ratos andam em fileiras: são muitos. E os sons infantis aumentam à medida que os bichos entram.

A mulher pára no arco da porta e de sua boca escancarada não sai som. Os roedores se escondem no assoalho podre. As crianças com sangue no rosto olham para a mãe com olhos de fome. E na boca do menor está o bicho dilacerado. E entre os dedos do mais velho estão as pernas e a cabeça do rato que ele alcança para o irmão caçula. Há carne no meio dos dentes púberes. A mãe se aproxima incrédula. Um dos filhos estica sua mão cheia de carne vermelha até os lábios da progeneritora. Ela mastiga devagar e pede mais um pouco de ratos.

Maíra Kiefer

SOLEDADE | terra de gaúcho forte

Assim começava a letra de uma música do compositor gaúcho Teixeira. E foi em Soledade que um crime brutal aconteceu. Quase um ano depois do acontecido, apenas o executor das sete pessoas, um ex-peão com problemas mentais, foi identificado. O mandante continua desconhecido

Iranês caminhava para a cozinha e nem percebeu a entrada de um homem na sala. Afinal, numa terra em que todos se conhecem, não há porque trancar a porta. Mas o inimigo está onde menos se espera. Quando ela olhou para o homem, este disparou três tiros à queima-roupa. Ao ouvir os disparos, Lia, a dona da casa, saiu correndo da cozinha para ver o que estava acontecendo. Mas não chegou até a sala. Com três tiros, morreu no corredor. O homem, vendo que Iranês ainda se debatia no chão, acertou-lhe mais um tiro. Nesse momento, o garoto Alexandre, filho de Iranês, apareceu na porta. Assustado, saiu correndo. Mas não foi muito longe. O homem deu um único tiro, certeiro e fatal.

Cerca de uma hora depois, chegaram à fazenda seu Marau, o proprietário, sua filha Joana, o caseiro Olmiro e uma parente, Ana Maria. Enquanto Olmiro descia da caminhoneta e ia abrir o portão, Marau percebeu um homem saindo de um esconderijo ao lado da estrada. Ele se aproximou da janela do motorista e disparou dois tiros contra Marau. Rapidamente, apontou a arma para Olmiro e, sem que este pudesse esboçar uma reação, disparou três vezes. A arma clicou: acabaram-se as balas. Mas ele estava preparado. Apanhou outra arma e disparou mais uma vez contra Marau. Atirou ainda duas vezes em Joana, que estava no banco do caroneiro, e uma vez em Ana Maria, que estava no banco de trás. O serviço estava feito. Caminhou de volta para seu esconderijo e pegou a espingarda que lá deixara. Com os revólveres na cintura e a espingarda em uma das mãos, foi em direção ao mato. Infelizmente, isso não é ficção.

Realidade | No dia 7 de julho de 2001, o ex-peão da fazenda Santo Augusto, Márcio Camargo, 21 anos, matou Iranês Salete Graeff, 43, Liamara Cavalli Ghion, 48, Alexandre Graeff, 14, filho de Iranês, Olmiro Adelar Graeff, 52, caseiro, esposo de

Iranês, Augusto Ricardo Ghion, o Marau, 61, proprietário da fazenda e esposo de Liamara, e Ana Marina Spalding Cavalli, 14, sobrinha de Liamara. Foram 17 disparos, todos certos, 15 deles fatais. Joana Cavalli Ghion, 13 anos, filha de Augusto e Liamara, foi a única sobrevivente. Ela ligou para seu irmão, que estava em Passo Fundo. Logo, a polícia chegou ao local. Joana se fez de morta até perceber que era a polícia que estava lá. Márcio foi preso na casa de uma vizinha sua.

Desde então, Márcio deu nove depoimentos. A cada nova declaração ele mudava um detalhe: uma arma, o valor do serviço, algum cúmplice. A versão que prevaleceu foi a de que o crime havia sido cometido apenas por Márcio e de que o mandante do crime era o pecuarista Mairol Batista da Silva, 28. A convicção e a frieza de Márcio para acusá-lo impressionam. Frente a frente com o pecuarista durante a acareação, o criminoso chegou a dizer que Mairol fizesse como ele: "seja homem, assumo!". Segundo Márcio, o motivo seria vingança, visto que o pai de

por Jair Stangler
e Marcelo Beledeli

Joana se fez de morta até perceber que era a polícia que estava no local



Mairol havia vendido terras para Marau. "Isso é ilógico e absurdo", diz o advogado de defesa de Mairol, Simão Serrano Elias. "Esse rapaz muda sua versão a cada depoimento, não há como dar-lhe crédito".

Outra indicação em favor de Mairol é o próprio custo do crime. Márcio conta que o serviço teria sido encomendado dois ou três meses antes, pelo valor de R\$ 30 mil. No entanto, as posses do pecuarista são modestas. Sua conta bancária possui um limite de crédito de apenas R\$ 500,00. Além disso, Camargo afirma que uma das armas usadas na chacina teria-lhe sido alcançada pelo pecuarista. Porém, nenhuma das armas usadas no crime foi localizada.

De acordo com Simão, a chacina foi "coisa de máfia", para chamar a atenção e dar o exemplo. E acrescenta: "é sabido que Marau era um bicheiro conhecido em Passo Fundo. A investigação da polícia é falha, muitos nomes constantes no processo sequer foram investigados". Ainda segundo o advogado, a polícia não quis que Mairol fizesse o teste do detector de mentiras. Já Márcio fez os testes. A partir daí, a polícia teria sido aconselhada a investigar melhor a questão do mandante.

Investigações | O delegado à época do crime era Edson Tadeu Cezimbra. Seu substituto, o delegado Lauro Santos, defende o trabalho do colega: "Eu não participei das investigações. Mas, pelo que eu li do inquérito, não há nada que se possa criticar". Ele entende que a acusação de Márcio contra Mairol é forte indício de seu envolvimento. Diz ainda que outros indícios também foram investigados. Mas não entende porque Mairol não foi submetido ao teste do detector de mentiras: "Se foi pedido ao Márcio, não vejo porque não fazer com o Mairol. Porém, eu creio que o detector de mentiras mais atrapalha do que ajuda. O que se descobriu, afinal de contas? Aquilo que já era sabido: que o Márcio matou as seis pessoas e que não se tem certeza quanto ao mandante".

Um fato inquietante é que vítima e assassino tinham um bom relacionamento. Márcio frequentava a casa de Marau e fazia refeições com os moradores da fazenda Santo Augusto. Sabe-se, inclusive, que, na manhã daquele sábado, os dois haviam saído juntos a cavalo pelo campo. Esta amizade preocupava alguns amigos de Marau, que o alertavam para tomar cuidado. Quando lhe avisaram que Márcio já esteve preso por furto, ele simplesmente disse: "É de gente assim que eu gosto".

Segundo a juíza Marlene de Souza, que cuida do caso, Márcio Camargo deve prestar novo depoimento. Além disso, ela informa que é preciso que se faça o esclarecimento da perícia, com a conclusão da reconstituição do crime. O Instituto Psiquiátrico Forense (IPF) submeteu Márcio a um exame para verificação de sanidade mental, e declarou que ele, à época do crime era apenas parcialmente capaz de entender o caráter ilícito dos fatos. Se ele for condenado, pode, em função disso, ter sua pena reduzida de um a dois terços.

O justo de SODOMA

Essa reza não rezo não. O inferno é aqui, e daqui é difícil sair



Maira Kiefer

O padre não estranhou o pedido: o autor assumido da chacina queria se confessar. Nada novo. Mas o que ouviu da boca do preso deixou-o pasmo:

– Não, padre, não estou arrependido.

Fez silêncio, medindo o padre com os olhos.

– Aquilo era gente ruim mesmo.

O padre, recompondo-se:

– Mas mesmo assim, meu filho, não é direito tirar a vida de alguém. O que pensará Deus de você, que tirou a vida de duas crianças?

– Quanto a isso eu tenho certeza, padre: estou no inferno.

– E por que vim até aqui?

– Padre, eu preciso que Deus me perdoe outro pecado. Começou como nada e cresceu e tá me angustiando. Mas eu preciso que o senhor me prometa que o que eu confessar aqui é segredo.

– A confissão é sagrada. É entre você e Deus.

"Minha vida, padre, sempre foi difícil. Tive um irmão abortado, a coisa mais feia que já vi. Minha mãe não pôde nem chorar o filho. No outro dia, tinha de botar comida na mesa. Meus pais sempre deram duro pra ter uma casa. Se a gente não trabalhasse, faltava pão. Eu aprendi que chorar só atrapalha a nossa vista e que se a gente não reza pela gente, ninguém reza."

"Um dia, eu tava sentado num boteco e apareceu um homem, meio velho, quase sem cabelo e barba mal feita. Já sabia meu nome. Disse que precisava de alguém pra um serviço. O serviço era a matança que eu fiz. Ele disse que se eu fizesse isso, eu e minha família teríamos dinheiro e segurança para sempre. Entende? Seria o fim de uma vida de humilhações. Teríamos coisas que sempre quisemos, que sempre vimos com os outros."

"Claro, a idéia era que todos morressem, não tivesse nenhuma testemunha e que eu não fosse pego. Mas fazer o quê? Aconteceu, e o velho havia imaginado que isso podia acontecer. Ele já havia me dito que eu deveria culpar o seu Antônio. Ele me escolheu por que seria mais difícil relacionar com quem tava mandando de verdade..."

O padre o interrompeu:

– Meu filho, estás querendo dizer que o coitado do seu Antônio não é quem mandou que se cometesse essa carnificina?

– O seu Antônio é um coitado. Tava até pra

vender as terras dele. Não tinha dinheiro pra encomendar o serviço.

– E quem encomendou o serviço?

– Eu não posso e nem sei dizer isso. O homem que encomendou tá preso. É gente das drogas, eu vi na TV quando ele foi preso. Ele tinha me dito que ele podia ir preso. Ele disse que se eu fizesse o serviço, eu não precisava me preocupar com mais nada. E se eu fosse pego, eu deveria jogar a culpa no seu Antônio. Até me disse que história eu tinha que dizer. Mas acho errado. O coitado não tinha culpa de nada. Eu assumi. Por que eles não assumem?

– E por que você não fala a verdade?

– Padre, se eu disser o que eu sei, vão me matar. Pior que isso: matam minha mãe, meu pai e meus irmãos. Justo agora que eles tem um banheiro pra cagar.

Os dois se encararam durante alguns segundos. O padre procurava algum sinal no olhar do assassino: arrependimento, medo, bravura, qualquer coisa. Nada. Frieza.

– Escuta, meu filho. Eu não acho que eu possa dar a absolvição. Seus pecados estão para além de meu juízo. Me parece que você deveria dizer a verdade. Essa deveria ser sua prece.

O homem em frente ao padre desviou o olhar e disse, calmo:

– Obrigado por ter vindo. Mas é como eu digo: ninguém se importa. Essa reza não rezo não. O inferno é aqui, e daqui é difícil sair. Só te digo uma coisa: pro teu próprio bem, não fala nada pra ninguém. Eles matariam o senhor também.

O padre saiu do presídio doendo-se com seus pensamentos.

A salvação de um inocente vale a traição de uma promessa feita em face do Senhor? Justiça Divina talvez exista. Mas e a justiça terrena não vale nada? Deus escreve certo por linhas tortas. Talvez a desobediência a uma lei divina seja compensada com o perdão, quando feita em benefício de um inocente que, de outro modo, será injustamente enclausurado.

E, ao mesmo tempo, é curioso como a gente tende a colocar hierarquias, mesmo entre idéias que se pretendem iguais. A maioria, se perguntada sobre qual é o maior pecado, provavelmente dirá: o assassinato. Esquecem-se dos demais, tão acostumados que estão a eles, esquecem-se da mentira.

O padre levava consigo um triste pensamento: a covardia é o caminho para a escravidão.

Vou largar o jornalismo

Um seqüestro-relâmpago, um novo jornal na cidade e uma estudante de jornalismo acuada. O que é mais violento?

e serei mais feliz

por *Carolina Beal*

Primeiro de março.

O telefone toca o tempo inteiro na casa de C.B. (*) Chega ao recorde de oito vezes durante o dia. É sempre a mesma voz ao telefone. "Onde estão as moças?"

Um novo jornal pretende sair na cidade de Porto Alegre. Pertencente a uma grande rede de comunicações, o novo veículo tem uma linha editorial mais popular, centrada nas notícias policiais. Jornalistas recém-formados correm atrás das notícias para a elaboração do piloto.

Há um caso de seqüestro relâmpago na Cabral, 150. Eles precisam desse furo.

C.B. e S.K. estão na delegacia prestando queixa. S.K., 22 anos, mestranda em Matemática Aplicada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no dia anterior havia chegado em casa por volta das 14h30min e fora abordada por um rapaz armado. Ele entrou em sua casa e a amarrou em um quarto. C.B., a menina com quem dividia a casa, estudante de Jornalismo também da Ufrgs, chegou lá, cerca de duas horas depois do acontecimento. O rapaz, entretanto, ainda estava na casa das moças. Ameaçou C.B.: ele quer chave de carro e dólares.

Ao responder que não possui tais bens, C.B. é levada por toda a cidade a fim de tirar dinheiro em caixas eletrônicos, sob ameaça de que, se não voltar, sua colega S.K. morre. Após

mo, é quem o atende. Ela pergunta com curiosidade, mesmo face à situação, a respeito do novo jornal, sobre as perspectivas de trabalho, e nisso acaba passando os números de telefone da casa dos namorados de C.B. e S.K. Novos números. Mais telefones tocam. Existe urgência.

Na delegacia, um dos vários policiais avisa às vítimas que a imprensa está em cima do caso. C.B., futura jornalista, sente um aperto no coração. Ela conhece bem com que tipo de pessoas está lidando e se envergonha de seus colegas. Não gosta desse assédio e tampouco gostaria de trabalhar como essas pessoas.

Mais telefones | Em torno das 19h saem da delegacia. Foi-se um dia inteiro tentando reconhecer o seqüestrador. Nenhuma das duas, entretanto, observou detalhes e, por isso, não puderam fazer o retrato falado. Elas voltam para o apartamento, mas não vão dormir em casa. Ao lado do telefone, recados.

O telefone toca. Continua tocando. "Queremos falar contigo. Sabemos o que aconteceu. Poderia nos dar mais detalhes? Gostaríamos do seu depoimento."

Depois de um dia cheio, C.B. não queria falar com repórteres, não queria ser usada pela imprensa. "Se sabem o que aconteceu, é isso. As informações que vocês têm são corretas. Não tenho mais nada pra dizer". Eles insistem: "E S.K., o que aconteceu com ela durante as duas horas em que você não havia chegado em casa?". Era isso que as colegas temiam, eles realmente sabiam das informações.

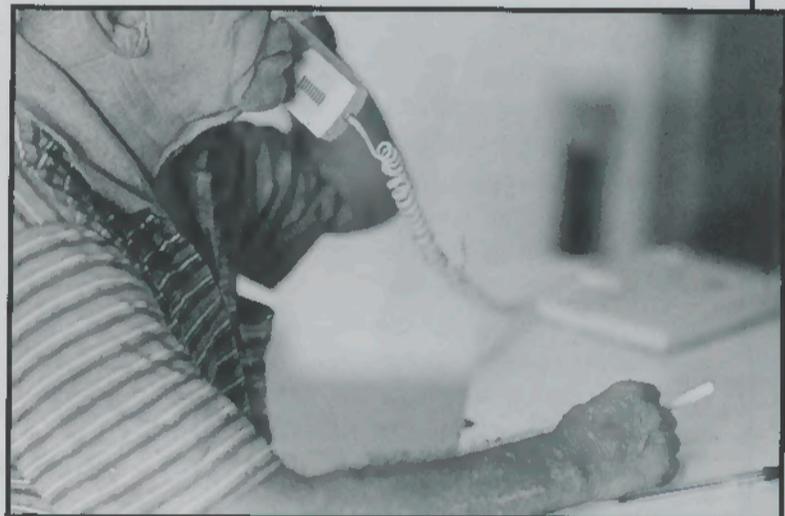
"Olha, eu não quero que vocês publiquem isso. Eu fui vítima de um seqüestro relâmpago e é só. Estamos bem agora."

C.B. desliga o telefone. Se sente acuada e mais do que nunca, pensa em largar a Faculdade.

(*) Nem C.B., nem S.K., nem nenhum dos envolvidos quiseram ser identificados, por isso não são usados seus nomes.



Maíra Klefer



Recém-formados correm atrás da notícia para o piloto. Há um seqüestro-relâmpago na Cabral, 150. Eles precisam desse furo

a operação, C.B. é solta e volta pra casa. Em frente ao seu prédio, muitos policiais, desde sabe-se lá quando.

Ronda | Faz calor na cidade de Porto Alegre. É véspera de carnaval e a capital está um caos. A equipe do novo jornal faz ronda entre as delegacias da cidade. O editor-chefe, coincidentemente graduado pela mesma faculdade, consegue conversar com alguém da casa das duas vítimas. M.S., estudante de jornalis-

VIOLÊNCIA?

**Um grito rasga a redação:
Já conseguiu? Ela se vira
bruscamente, como se
acordasse de um torpor.
A voz era dele, que já está de
pé, caminhando em sua direção.
Ela sacode negativamente
a cabeça.**

Maira Klefer



Ela desliga o telefone, esboça um sorriso. Empurra a cadeira para trás e levanta-se confiante. Caminha em direção ao homem de meia idade e traços indígenas, sentado num canto da redação. Ao seu redor, vários jornais espalhados e uma nuvem espessa de fumaça. Perto dele, um cinzeiro cheio de cinzas e pontas e um copo de plástico com café preto pela metade. Ele percebe sua aproximação, se vira e pergunta, tirando o cigarro da boca:

Conseguiu o case? Aeroviário, 40 anos, 15 de empresa, demitido por ser HIV positivo. Pra que horas? Meio-dia e meia. Não dá. Por quê? Depois do meio-dia o motorista ganha hora extra. Mas leva uns quarenta minutos até o repórter sair de Porto Alegre e chegar em São Leopoldo. E por que São Leopoldo? O cara mora lá. Onde é a última sonora? No centro. Então manda ele pegar o Trensurb e encontrar o Nilton lá. Impossível. Por quê? Ele tá doente. Amputou as pernas? Não, acho que não. Então não é impossível.

Ele volta o olhar para os jornais. O cigarro acabou. Tira um maço do bolso da camisa. Ela olha aquela figura à sua frente. Um metro e setenta, cabelos desalinados, aspecto de sujo. Os botões da camisa estão esgaçados por causa da barriga saliente. Ele apalpa os bolsos das calças e encontra o isqueiro. Coloca um cigarro na boca e, antes de acender, olha para o relógio e diz em tom ameaçador:

São 11 horas. Tu tem uns quinze minutos pra fechar a pauta e passar pro Nilton, por telefone.

Começa a chover com mais força. Ela caminha de volta à sua mesa, se arrastando. Braços estendidos ao longo do corpo, segurando sem vontade um monte de papéis. A redação está em polvorosa. Corre-corre, barulho, ner-

vosismo. Ela se senta diante do telefone. O aparelho é bonito, anatômico e elegante. Design moderno. Passa os olhos em algumas anotações e pega o telefone. Discar número por número com uma longa pausa. Coloca o telefone no ouvido esquerdo e aguarda. Um toque. Pega a caneta. Dois toques. Começa a rabiscar uma folha de rascunho. Três toques. Olha pela janela a chuva cair sem trégua. Quatro toques.

Alguém atende.

Alô, é o seu Antônio? Sim, sou eu de novo. Não, não é para desmarcar. É que...

Ela hesita.

Houve um probleminha...

Pausa. Ela esfrega os dedos na testa nervosamente. Troca o telefone de mão. Levanta um pouco a cabeça e olha para o grande relógio metálico da redação. Onze e quatro. Desvia o olhar para o homem. Ele folheia o jornal. Con-

tinua fumando sem parar, expelindo a fumaça aos poucos, sem tirar o cigarro da boca.

Sabe o que é, seu Antônio? O senhor sabe como é, né? Não dá para ser aí na sua casa, porque o motorista começa a ganhar hora extra depois do meio-dia. Pois é, eu sei. Uma burocraciazinha chata, né? Mas...

Nova pausa. A boca está seca. A voz trêmula. Ela olha mais uma vez em volta. Correria. Todos ocupados com as suas coisas. O ponteiro segue impiedosamente no seu andar ritmado. Mais um minuto se passa. Um grito rasga a redação: Já conseguiu?

Ela se vira bruscamente, como se acordasse de um torpor. A voz era dele, que já está de pé, caminhando em sua direção. Ela sacode negativamente a cabeça. Volta-se para o telefone e diz: Será que o senhor não pode ir até Porto Alegre, encontrar o repórter?

Silêncio. Ela põe o polegar na boca e começa a roer a unha com impaciência. Sente o cheiro de cigarro. Ele agora está ao seu lado, com o copo de café na mão. Ela não ousa levantar o olhar.

O quê, eu não entendi. O senhor pode?

Seu rosto se ilumina. Sua testa relaxa. Ela se encosta aliviada na cadeira e passa um dedo por telefone. Desliga o aparelho e o encara pela primeira vez, com olhar desafiador.

Ele sorri com satisfação. Ótimo. Tu vai dar uma baíta jornalista, quando te formar. Ele toma o último gole de café. Gosto amargo.

Faz uma careta e se afasta sem dizer mais nada.

Lá fora, a chuva não pára.

Fernanda Bartholomay

Entre o telefone, o relógio e o editor-chefe

